

Um Loser Também Ama

(Júlio B.)

1. Perdido e Encontrado o Presente

Eu já escrevi um poema chamado "An E-Mail Saved My Life". Mas se não tivesse escrito usaria esse nome aqui. "Um Loser Também Ama" é uma apropriação meio batida, eu sei. Mas pelo menos me diz algo verdadeiro. Os clichês só são tão repetidos porque muitas pessoas acreditam neles.

Tudo começou com um e-mail. Eu estava numa galáxia distante, perdido entre planetas opacos que viviam ordinários, apenas a esperar seus sois para iluminá-los. Mas um vento cósmico cibernético trouxe um convite à minha caixa de mensagens. Um e-mail vindo de uma pessoa iluminada, daquelas que me encantam por essência, e pelas quais não raro me apaixono. Mas paixões vêm e vão do meu peito como dias e noites se revezam no horizonte das superfícies ditas planas. Talvez porque a maioria delas, as paixões, seja platônica. É fácil não se apegar ao que não aconteceu. Mas no e-mail havia um convite, que eu prontamente aceitei. Sou do tipo que percorre anos-luz com uma lata na cabeça sem reclamar para não recusar um convite.

Não era tão cedo, mas a festa para a qual fui convidado parecia não ter sido um sucesso durante todo o seu movimento de rotação. De fato, não havia sido. E eu - o cara mais solitário das festas em que vou - estava lá com outros bons alunos solitários, e suas caixas de música, e seus bares pra baixo da terra.

O presente que há semanas eu guardava num alinhamento de corpos celestes foi oferecido finalmente a seu destinatário espacial. Mas alguma pressa (somada a algum senso de humor cênico) acabou por fazer se perder a simbólica relíquia. E o tempo fechou no copo d'água. Nem eu imaginava tamanha repercussão e significância. O pastelão que eu protagonizei virou assunto. Eu ali era mais do que só um loser numa festa de losers: eu era o protagonista de uma cena.

O presente manteve-se perdido a noite toda. Não que não tenhamos procurado, mas o universo é muito grande, e o escuro teve sua parcela de culpa. Também os teores alcoólicos dificultavam a busca. Bem, eu nem bebo nem nada. Mas, de certo modo, o insistente sumiço mantinha um pouco os holofotes sobre mim. Que loser nunca quis o foco apontado para si? Bem melhor que o escuro, não?

A noite acabou. A noite que o acaso quis que fosse a minha porta de entrada para uma nova era. O presente foi então encontrado. As coisas não se desintegram em poeira estelar assim do nada. Estava lá, em algum cantinho escuro não-óbvio, entre cadeiras e estrelas. E do presente encontrado um novo convite surgiu, deixando alinhada a engrenagem daquele novo funcionamento.

Era só um convite, aos olhos dos outros, mas para mim era mais importante do que o presente perdido e encontrado, mais importante do que aquela noite, aquela festa, aquelas coisas todas com as quais eu sonhava à luz da lua.

Um convite é uma chance em aberto. É uma oportunidade a ser aproveitada. Nem sempre vale a pena, é verdade. Às vezes, é convite para um barco furado em alto-mar. Mas eu penso que sempre vale mais a pena o risco do que toda a chatice da minha rotina junta somada e elevada ao quadrado.

2. Compositores de Domingo

Sábado à noite é um inconsciente coletivo, uma força social que impulsiona as pessoas a saírem de casa, de suas órbitas cotidianas. E nesse sábado eu tinha um convite. Sai e encontrei o mais heterogêneo grupo de pessoas com gostos afins que já conheci, incluindo a mim mesmo. Era estranho, a princípio, mas era confortável e libertador. Libertador para as idéias que antes precisavam ser filtradas na mente para só então ganharem os ouvidos alheios.

Os compositores daquela noite de sábado gostavam de falar sobre o domingo. Parecia alguma obsessão sarcástica, ou um meio de artisticamente criticar os valores de uma sociedade com a qual não concordam, ou não se encaixam, ou nem querem. De qualquer maneira, eram canções sobre domingos. Mas domingos sem parque, nem comida pra macaco. Domingos qualificados por adjetivos que você dificilmente vê por aí. Os compositores são as pessoas que mais me fascinam no mundo.

3. O Acaso Sorri

A noite ainda era de sábado, as composições de domingo, e o entrosamento fluía naturalmente. Eu sabia estar entrando numa órbita em torno de algo que há muito tempo eu almejava. Amigos que falavam a mesma língua, que flutuavam no mesmo espaço, que transladavam no mesmo ritmo. Foi tudo tão positivo e promissor que eu não sabia onde enfiar tanta euforia. É... lá mesmo. Achei que podia sair pela galáxia inteira realizando os sonhos que eu tinha pendentes.

Foi assim que ainda naquela noite eu saí no encalce de mais um céu estrelado. Quando cheguei ao meu novo destino ainda era sábado. Em minutos seria o domingo cantando pelos meus amigos compositores, mas a noite não sabe que houve mudança alguma. Para ela, tudo é contínuo.

Solitário inquieto, sempre estive em busca de alguém para preencher o vazio sentimental em mim. Alguém para amar e ser amado, para olhar e desejar, alguém para acordar ao lado, alguém para lembrar nos momentos especiais com os olhos fechados, e todos esses blá-blá-blás que são na essência a força propulsora do universo, mas que os durões chamam de mela-cueca.

Tal busca para mim sempre se configurou como uma aventura perigosa e levemente ilícita. Mas nem vale mais a pena entrar em detalhes. A complexidade dos dias à beira do buraco negro foi vencida. Com muito suor e lágrima, mas foi vencida! Eu já adentrara a porta do novo universo que me foi permitido.

Mas o céu daquela noite não parecia exibir estrelas à altura da minha euforia, nem sequer eram estrelas belas, e eu já ostentava meu semblante loser padrão, tantas vezes repetido. Só mais uma noite sozinho, só mais uma derrota no currículo, nada demais. Sabia lidar com isso como o jardineiro cuida da terra.

Mas não sou do tipo que subestima o acaso. Ele é excêntrico por essência. E, quando dei por mim, estava diante do brilho radiante do mais belo astro que eu já vi na vida. Era tão estupidamente lindo que eu não sabia o que fazer. E eu não acreditei que o sorriso era pra mim. Até joguei algumas palavras ao vento, mas um loser nunca acredita que será assim tão fácil. Fui extremamente verdadeiro e direto, mas nada aconteceu. Sou insistente, já disse. Não é todo dia que o acaso me sorri assim, com tanto esbanjo em sua bandeja de ironias. Se ele o fez nas primeiras horas daquele domingo, então eu iria até o fim.

Um dia aprendi que para se conquistar a rosa era preciso dar-lhe água, ajeitar-lhe a terra em sua volta, arrancar as ervas daninhas. Exceto os losers solitários, todo mundo que sai pra balada tem um amigo. Encontrei uma estrela amiga do astro radiante e ela moveu suas cinco pontinhas e em dois instantes me conseguiu o telefone do jovem astro que meu desejo pedia ardentemente.

Um telefone também é uma porta. Não é uma oportunidade tão grande quanto um convite, é bem verdade, mas tem o poder de se transformar em muito mais. Meu coração acreditou que ter aquele telefone era a vitória. Mas o cérebro não. Loser que é loser nunca acredita em vitória assim tão fácil. Um telefonema pode não ser atendido. Um celular, então, pode estar desligado. Pode ser atendido, mas não levar a nada. Pode ser atendido e causar problemas.

A dúvida pousou sobre mim como a sombra de um eclipse, mas eu estava tão saltitante que poderia dançar Sugarcubes sob uma chuva de meteoros em volta de um poste de luz néon. Quem dá o telefone de livre e espontânea vontade quer alguma coisa, é claro.

4. O Domingo Sem Fim

Desde cedo aprendi a conviver com a angústia da espera por alguma realização. Então, aquela não seria nenhuma novidade. Quando achei ter chegado a hora mais estrategicamente correta, eu liguei. Sim, liguei. É tão óbvio que eu ligaria. Ligaria mesmo que o mundo acabasse, se os planetas colidissem, ou se as linhas de telefone parassem de funcionar, ou se minha voz desaparecesse. De qualquer forma, eu ligaria. Era uma oportunidade muito grande em jogo.

Eu liguei. A conversa se restabeleceu, mesmo sem contato visual. O astro enviava raios sonoros diretamente ao meu ouvido que se derretia todo. E um convite surgiu. Um convite para o mesmo dia. Eu já discorri sobre convites, eu sei, e não pretendo ser tão redundante, mas esse foi de uma categoria que merece menção: foi a marcação de um encontro. Um encontro é uma possibilidade latente, promissora, e perigosa de um relacionamento.

Metade do meu domingo foi consumida pela espera do momento mais apropriado pra ligar. A outra metade, pela espera do encontro. E a segunda foi muito mais corrosiva. Só de pensar em me encontrar com o astro, sob circunstâncias favoráveis de dar certo, só isso já me fazia o

intestino dar nós acrobáticos e a pulsação disparar. As borboletas em festa em meu estômago. Mas o que mais eu poderia fazer, se não esperar e me preparar para fazer tudo dar certo.

5. O Carro Atrás Dos Bois

Outra coisa que aprendi com as derrotas da vida é que não se deve passar o carro à frente dos bois. É, todo mundo diz isso, eu sei, mas porque é verdade. Um encontro é apenas um encontro. Não é um pedido de casamento, nem uma proposta de namoro. Nem sequer significa a possibilidade real de um beijo na boca. E para uma mente que adora considerar possibilidades havia também a do meu astro nem sequer nascer no horizonte daquele encontro.

Mas não foi difícil me convencer de que eu deveria enfrentar os riscos. Achei que o pessimismo era um reflexo condicionado dos insucessos do meu passado. Agora as coisas haviam mudado!, pensei. E eu fui. Quando cheguei, a noite ainda era de domingo, mas em breve não seria mais, e novamente ela nem notaria.

Quis colocar minha cabeça no lugar. Tentei, tentei, tentei e por fim percebi que eu estava fazendo a coisa certa. Mesmo que desse errado com o astro radiante, eu estava tentando fazer dar certo. Não acredito em derrota eterna. Primeiro, os bois. Logo atrás, o carro. Os sentimentos grandiosos, esses eu abafei. Minha grande questão era minimal. Pontual. Era uma questão até mesmo manjada nos filmes adolescentes americanos.

6. A Espera (Dezoito Minutos entre o Paraíso e o Inferno)

Olhei para o relógio e só faltavam dezoito minutos para a hora marcada do encontro. Para os otimistas, dezoito minutos seria tempo de sobra pra ele chegar. Para um loser, já era a confirmação de um astronômico bolo. As esperas se tornam cada vez mais angustiantes e dilacerantes à medida que a hora marcada se aproxima.

Eu tentava relaxar. O que mais eu poderia fazer? Teria de confiar mais uma vez no acaso? Não, teria de confiar no astro por quem eu pensava valer a pena mover o universo. Esperei sentado, encolhido, recolhido, isolado, como um bom loser faria. Sentei-me com vista para a porta de entrada do lugar em que combinamos. Se ele entrasse, o primeiro sorriso que ele veria seria o meu.

Dezoito minutos pode ser o tempo suficiente para salvar o mundo, mas passou tão rápido que meu coração nem teve tempo de se salvar. Pior: ao cabo da contagem regressiva, entrou pela porta a estrela amiga do astro radiante. Fui até ela e com um aperto ruim no peito perguntei por ele. Educadamente, ela disse achar que ele não viria, chegando até a listar possíveis motivos. Mas ela também não tinha certeza. Mas eu não precisava de nenhuma certeza externa. Dentro de mim, eu já sabia que não daria certo. Todo loser sabe.

7. A Queda

A queda é sempre dolorosa. Ainda mais quando a escalada é ousada. Naquela madrugada, eu quis não existir por alguns minutos. Mais do que dezoito. Eu quis não ser eu mesmo. Imaginei uma fuga, um meio de escapar desse ciclo de coisas que sempre dão erradas. Um meio de vencer sentimentalmente, pelo menos uma vez.

Aquela queda me feriu muito mais do que o usual, porque a conjunção astral era a melhor possível. E nem assim deu certo. Feriu a minha confiança no acaso, o meu apreço por meus novos amigos, por tudo o que havia dado certo naquele fim de semana. É incrível como a alegria só me vem - quando vem - às parcelas. E pequenas.

Eu estava com carro atrás dos bois e, portanto, não gastei pensamentos sonhando com um futuro que poderia não acontecer. Mas ainda assim meu astro não ter aparecido no encontro foi como uma faca cega e enferrujada entrando vagarosamente no meu coração ressabiado, deslizando entre seus átrios, cortando suas fibras musculosas. A cada instante que ele não chegava, era como se a faca rasgasse mais um outro pedaço de mim. Eu poderia ter deitado e sucumbido. Mas apenas fui embora.

Pelo caminho das nebulosas, pelas perigosas ruas noturnas de uma grande cidade, eu fui embora. Sozinho, pra variar. Sozinho e triste. Misturando tantos sentimentos de extrema dor e alguns de esperança. Eu quis sentar em uma calçada suja e chorar. Quis, mas não me permiti. Ele não ter aparecido não quer dizer que ele nunca mais queira me ver. Podem ter acontecido milhares de coisas. Eu deveria agüentar até o desfecho, pra não gastar lágrimas inutilmente. Mas a vontade de chorar ainda estava lá, exposta.

Fui embaralhando sentimentos durante meu trajeto de volta. Fui recitando poesias que nunca escreveria. Recitando para mim mesmo, de ego para alter-ego. Ambos arrasados. Fui considerando possibilidades. Fui me aconselhando. Fui dilacerado, quase sem coração restante. A despeito de todas as minhas medidas de segurança, eu caí de muito alto. E doeu tanto.

8. Ser Loser Às Vezes Cansa

Quem um dia admitiu ser loser é porque já acumulou tantas derrotas que não adianta mais ocultar o óbvio. Também existem os que apenas gostam do estilo, que forçam ter o estilo, mas isso é outro assunto, para outro texto, para outra crítica, para outros fins. Por aqui, vou ficando comigo e todas as minhas derrotas com respeito à minha vida amorosa.

Eu nunca fui feliz ao lado de alguém. Nunca. Se já tive alegria verdadeira, foi sozinho. Mas nem lembro ao certo. Lembro das empolgações, dos momentos em que eu achei que seria feliz, como o descrito acima, antes de tudo ir por água abaixo. Essas lembranças estão marcadas como cicatriz gritante em minhas memórias.

Mas nunca desisti de procurar um amor de verdade, apesar de todas as minhas doloridas experiências mal-sucedidas. Mas um dia a cabeça se enche, o corpo se exaure. Ser loser às vezes cansa. E eu estou cansado agora. Como eu queria que ele tivesse ido ao encontro! Como eu queria

tê-lo beijado naquela noite! Como eu queria tê-lo tocado, acariciado, ter sido o mais carinhoso dos carinhosos. Desgrenhar seus cabelos num beijo e arrumá-los todos certinhos de novo depois! Como eu queria ter sido dele!

Mas não importa o quanto eu possa ser amável, eu não tenho ninguém para amar. Nunca tive. Dói assumir isso. Dá aquela contração nos músculos dos olhos e das narinas, na iminência do choro. Mas eu já consigo controlar. E nem saio reclamando da vida por aí. Só me permito a confissão aqui, porque é essa a proposta. Mas dói muito escrever isso. Como eu gostaria de estar escrevendo sobre coisas que dão certo! Como eu gostaria de escrever sobre amor, ao invés da ausência dele.

Não foi apenas mais uma derrota, foi uma derrota com requintes. Requintes de crueldade e sadismo. Minhas esperanças saem manchadas desse acontecimento. Uma nódoa permanente e não-removível. Estou cansado de estar sempre sozinho. Estou cansado de perder todas. Estou cansado.

9. A Queda Revisitada

Um telefone não é uma arma com uma bala só. Se ele não havia atendido na noite anterior, atenderia um dia. Pelo menos para me dar um fora digno! E na manhã seguinte eu liguei. Liguei, oras! Não havia outra coisa que eu pudesse fazer. Novamente, telefone desligado ou fora da área de cobertura. Tudo bem, eu espero. Um dia ele estará ligado!

Ele não ter ido ao encontro não significava que ele não queria mais me ver. Podia ter acontecido algum imprevisto, algum acidente, alguma preguiça. Afinal, era a noite de domingo, e ele trabalhava na segunda. Eu também, mas o desesperado era eu. Podia ter acontecido o mundo inteiro de problemas, vai saber. Eu precisava ligar para ouvir a desculpa pela voz dele, pelas palavras ditas por ele.

Veio a tarde e mais alguma tristeza. E mais um monte de inquietação que me fez ligar pra ele sem orgulhos ou prudências. Pois bem, eu o fiz. Liguei até que ele atendeu. Ah! Atendeu! Atendeu e deu a desculpa que meu coração precisava ouvir. Fosse qual fosse, meu coração só precisava ouvir. Para perdoá-lo, para me dar mais uma chance. E ele foi gentil e educado. Já estava perdoado. Mas marcou um novo encontro. Um novo convite, ah, os convites!

Flores, borboletas e arco-íris rodeavam meus sentimentos tão surrados! Ele não pôde ir! Tudo bem! Ainda havia a possibilidade. E havia mais um encontro! Ah! Os caminhos verdejantes e as fontes límpidas! E tudo o que de mais pateticamente piegas existir. Esse era o meu coração.

Mais um encontro, mais uma possibilidade de dar certo. Ou de dar errado. Mas para um loser uma possibilidade é motivo de sobras para se alegrar. E a suposta queda, vista por outro ângulo, era motivo para me alegrar mais ainda com uma possível vitória.

10. A Queda Revertida

E veio a hora do encontro. Eu, leitor do Exupèry, estava lá pontualmente no local marcado. Nem um minuto a mais, nem um minuto a menos. Com um sorriso de esperança escancarado. Onde estava ele? Onde? A dúvida sombreou meus pensamentos por alguns instantes, mas o meu telefone tocou. Eu nem precisava atender, dentro de mim eu sabia que era ele. Atendi e combinamos exatamente onde na galáxia nos encontraríamos. Ele estava chegando.

Eu saltei dois cometas e um satélite, e do outro lado da rua vi meu reluzente astro brilhando! Não mais o mesmo produzido brilho daquele domingo, mas ainda lindo. Talvez, até mais lindo do que antes. E caminhando em minha direção. Meu remendado coração por pouco não salta de mim e vai ao encontro dele em câmara lenta, com os braços abertos, derrubando o pólen das flores pelo caminho de felicidade.

O encontro foi num asteróide central, em praça pública, onde passa toda sorte de gente, e passa toda hora. Num universo ainda homofóbico, não teríamos a imprudência de fazer algo demais. Apenas nos tocamos três vezes: na chegada, na despedida, e quando eu ousei tocar a mão dele. Mas conversamos muito, e isso sempre vale mais a pena. Ele se explicou sobre o bolo de domingo. Eu entendi. Foi uma boa justificativa, mas mesmo que tivesse sido estapafúrdia, eu teria aceitado. Estávamos ali, era o que importava. Estávamos ali, com os desejos expostos.

A queda de domingo não havia sido uma queda, foi apenas o adiamento de algo muito especial que eu espero que finalmente aconteça. Fico satisfeito por não ter chorado no dia do bolo. Eu fui forte e soube esperar o momento certo. Se agora ele tivesse me dado o fora, então eu poderia chorar rios de tristeza e derrota. Mas... não! Vai dar certo! Eu acredito. Preciso acreditar. Eu vou fazer de tudo pra dar certo.

Marcamos outro encontro para o fim de semana vindouro. Uma semana nunca é problema para quem já esperou por uma vida.

11. A Partir Daqui É Comigo

Até aqui, contei com a ajuda de convites, presentes, acasos, amigos, telefones. A gratidão está sempre aqui comigo! Se no fim de tanto eu encontrar um grande amor, todos serão devidamente creditados com flores e açúcar em cima! Mas a partir daqui é comigo. Seguro firme as rédeas da condução espacial que me trouxe até essa nova dimensão. E vou em frente!

O tempo passa sadicamente mais lento quando o desejo é intenso, mas esse amparo emocional eu já adquiri. Não sei se é assim com todo loser, mas lidar com ansiedades pequenas já não é problema para mim. Nem foi tão doloroso assim, e a sexta já é hoje. Amanhã à noite a minha chance nunca terá sido tão grande! Vou depender apenas de mim. E dele, é claro, mas disso sempre dependerei. Mas caberá a mim conquistá-lo, encantá-lo, amá-lo. Então, penso que o otimismo é justificável.

Surge então a coragem de dizer: amor. É que amor é uma palavra tão desgastada... Talvez o ápice das buscas emocionais e, por isso, sempre que alguém quer exagerar um pouco sobre o que

sente, ela é usada. E como nós humanos exageramos! Sim, dizer "amor" anda meio "bom dia", démodé demais, mas eu digo assim mesmo, com consciência do risco e do que faço. Se estou sendo piegas, pelo menos estou sendo sincero ao escrever. E ser sincero me dá forças para encarar com dignidade a perigosa aventura amorosa que vislumbro. Afinal, um loser também ama.